

24

O Globo - 10/10-63

Coluna de ARTES PLÁSTICAS

O DIRETOR DO MAM FALA SOBRE A BIENAL DE PARIS

RETOMAREMOS, sábado, a análise que estamos fazendo dos elementos mais destacados da VII Bienal de São Paulo. Por hoje, aproveitamos a oportunidade que gentilmente nos foi dada pelo diretor do Museu de Arte Moderna do Rio, Sr. Aloísio de Paula, para transmitir ao público as impressões que colheu, em sua recente viagem à Europa, focalizando especialmente a Bienal de Paris. Antes de entrarmos no assunto, o Diretor do MAM apresentou-me os convidados que recebera para almoço, juntamente com o Ministro Jorge Maia, chefe do Departamento Cultural do Itamarati. Eram personalidades argentinas: o Ministro de Educação e Cultura, o diretor do MAM de Buenos Aires, o crítico de arte de "La Prensa" e "La Nación". Estavam extremamente interessados em ver a mostra "Pesquisa de Arte Visual", que a Air-France trouxe de Paris por solicitação do nosso MAM, e que ali está fazendo enorme sucesso, devido à originalidade e alta categoria das obras que apresenta.

O sucesso confirmou-se pelo entusiasmo dos argentinos ilustres, que se manifestaram ansiosos por levar a mostra a Buenos Aires quando terminar sua exibição aqui no Rio.

A exposição do MAM serviu de início à entrevista com Aloísio de Paula, pois este mesmo grupo que aqui se apresenta está tendo papel importantíssimo na Bienal de Paris:

— Coube-lhe — disse ele — fazer o cartaz da Bienal e a decoração da fachada do Musée d'Art Moderne (no qual se está realizando o certame internacional), além de apresentar em uma mostra maravilhosa os trabalhos de seus artistas, análogos aos que estamos tendo oportunidade de ver aqui no MAM, oportunidade essa que o nosso público não deve perder, dada a importância desta "Pesquisa de Arte Visual", e sua significação para o futuro.

O trabalho em equipe foi a tendência que os organizadores da Bienal de Paris procuraram estimular e, na opinião de Aloísio de Paula, conseguiram seu objetivo, pois que cerca de 30 por cento do que ali se apresenta são fruto desse gênero.

Destacando em primeiro lugar, e muito na dianteira, o grupo de Arte Visual, o diretor do MAM referiu-se ainda, com entusiasmo, ao grupo inglês, que apresentou maravilhoso conjunto de jardins, escultura, local de recreação. Depois, ao grupo francês, que lida com materiais novos, especialmente na combinação de vidro e plásticos diversos. Em seguida descreveu a realização cubana: no centro da sala uma guilhotina, cuja lâmina cai, pesadamente, sobre uma almofada; espalhados em torno, bonecos figurando realisticamente cadáveres decapitados e destripados; nas paredes, retratos de Mussolini, Hitler, Franco e Salazar, como se a eles somente fosse atribuída a responsabilidade de tais horrores, que ali respondem ao título heumático "Así es la Vida".

Atendendo à solicitação dos organizadores da Bienal, o Brasil também havia planejado um trabalho de equipe, cujo projeto despertou entusiasmo quando mostrado em Paris, porém não pôde ser executado devido à falta de verba. Foi o que eu soube, com pesar, quando lá estive em junho. Portanto, maior foi a satisfação que me causou ouvir de Aloísio de Paula elogios à representação brasileira, constituída por trabalhos de alguns artistas que atualmente se encontram em Paris, e outros enviados pelo Departamento Cultural do Itamarati.

São eles Ivan Freitas, Tomás Ianelli, Gastão Henrique, Sérgio Camargo, Sêrvulo Esmeraldo, Roberto de Lamônica, Gilvan Samico, Newton Cavalcânti, Ana Leticia, Rossini Perez.

Além de louvar o conjunto como "sério, harmonioso e de boa qualidade", o diretor do MAM fez referências especiais ao setor de gravura, que é "um ponto alto da exposição, e está produzindo verdadeiro impacto", com De Lamônica "que todos consideram um clássico, de perfeição, e técnica incomparável"; Ana Leticia — "uma fábula! Parece que excede tudo que havia feito até então"; Rossini Perez — "uma transformação radical, um mundo novo de formas e cores, verdadeira explosão lírica"; Samico e Newton Cavalcânti — "despertando grande interesse, acrescido pelos temas que eles tratam".

Falou ainda do interesse que provocam os trabalhos de Gastão Henrique; do sucesso de Sérgio Camargo — que recebeu um prêmio —, cuja obra atual substitui o gesso (frágil e perecível) pela madeira, "ganhando em segurança mas perdendo em qualidade"; do êxito extraordinário de Ana Leticia na cenografia; premiada pelo cenário de "Le Malade Imaginaire" (realizado no Rio, creio que para "O Tablado"), foi solicitada a apresentar mais trabalhos desse gênero, e encontra-se atualmente em Roma a convite do maior centro de cenografia da Itália.

Antes de passar a outros assuntos, o diretor do MAM fez questão de manifestar seu apreço e admiração por Gládia Cesário Alvim que, como Comissária do Brasil, abriu-lhe as portas da Bienal de Paris antes da inauguração, revelando a cada instante sua eficiência, e o prestígio de que goza nos meios artísticos e intelectuais parisienses.

A conversa já ia longe, mas o diretor do MAM fez ainda uma referência à chamada "Pop-Art", que encontrou não só na Bienal parisiense, mas em Zurich, numa exposição da pintura inglesa de 1960 para cá. A seu ver a "Pop-Art" (assim chamada porque colhendo seus elementos no material popular do cotidiano) encontra na Inglaterra clima talvez ainda mais favorável que nos Estados Unidos, sendo que em ambos os países manifesta-se com certo sentido de ingenuidade e humor que não se encontram em outros: na França descamba facilmente para a vulgaridade, quando na Espanha assume intensidade dramática.

Resumindo sua impressão, a Bienal de Paris é uma afirmativa de que "todas as formas de pesquisa são válidas. Em todos os campos, e com todos os materiais, procuram-se novas fórmulas e novas soluções. Mas o que domina ainda é a pintura abstrata".

Labisse no Cinema

Amanhã, às 17 horas, na Maison de France (Av. Presidente Antônio Carlos) serão exibidos três filmes sobre a obra do pintor Felix Labisse, um dos grandes surrealistas franceses, que atualmente está expondo na Galeria Barcinski (Av. Copacabana 400).

São os seguintes esses filmes, todos eles realizados por cineastas famosos por seu espírito vanguardista: "Felix Labisse" (Alain Resnais), "Le Bonheur d'être Aimée" (Henri Storck, Prêmio em Veneza, 1961), "Les Malheurs de la Guerre" (Henri Storck).

Hoje

Museu de Arte Moderna — 18 horas — Cartazes da Tcheco-Eslováquia. Dois quadros de Jacob Agam